

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO CONTO MARIA BANDINHA, DE MOURA LIMA

THE VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE TALE MARIA BANDINHA BY MOURA LIMA

Egly Stérfane da Silva Borges 1

Resumo: Neste artigo, busca-se entender, a partir da leitura do conto *Maria Bandinha*, de Moura Lima, a violência dispensada às mulheres de classe social periférica que vivem a situação de dependência financeira de seus parceiros e que pode ser reforçada pelo discurso feminista hegemônico ou liberal e contribuir para uma colonialidade da mulher. Recorrendo a teóricos como Flávia Birole (2018), Djamila Ribeiro (2019), Natália Rezende de Souza (2019) percebe-se como a divisão do trabalho condiciona as mulheres a optarem por não denunciar as violências que sofrem. Buscar-se-á esclarecer, em estudos ainda em curso, o pensamento decolonial e sua relação com o feminismo, também apresenta em seguida uma análise da obra evidenciando as violências a que a protagonista é submetida. Assim, este estudo reflete a importância de um discurso voltado para as peculiaridades do gênero feminino que envolve a classe social, bem como a autonomia financeira da mulher.

Palavras-chave: Feminismo. Decolonialidade. Colonização. Violência.

Abstract: In this article, we seek to understand, from reading of the short story *Maria Bandinha*, by Moura Lima, the violence dispensed to women of peripheral social class who live in a situation of financial dependence on their partners, which can be reinforced by feminist discourse hegemonic, or liberal and contribute to a coloniality of women. Using theorists such as Flávia Birole (2018), Djamila Ribeiro (2019), Natália Rezende de Souza (2019) we will see how the division of labor conditions women to choose not to report the violence they suffer. We will be sought to clarify, in studies still in progress, the decolonial thought and its relation with feminism, It also presents an analysis of the work showing the violence to which the protagonist is subjected. Thus, this study reflects the importance of a discourse focused on the peculiarities of the female gender that involves social class, as well as the financial autonomy of women.

Keywords: Feminism. Decoloniality. Colonization. Violence.

Introdução

O conto de Moura Lima, Maria Bandinha, está presente na obra do autor intitulada *Veredão – Contos regionais e folclóricos* (1999). Jorge Lima de Moura nasceu em Itaberaí no estado de Goiás, mas foi no Tocantins que concluiu a faculdade, casou-se e teve seus filhos¹.

Moura Lima, traz no conto estudado a vida do sertanejo tocantinense e suas dificuldades, apresentando como é o trabalho no mato e os perigos que os homens enfrentavam para sustentar a família. Busca descrever o trabalho com a extração de madeira muito comum desde o período colonial, tornando-se um trabalho essencial aqui para os tocantinenses no século XX.

Em Maria Bandinha, o autor traz detalhes do trabalho de Nicodemos e João, dois homens que estão na Serra do Carmo, situada no município de Palmas, tirando madeira para seus sustentos e de suas famílias. O texto se divide em dois momentos: o primeiro é quando João e Nicodemos, personagens do conto, estão na mata trabalhando e o outro quando retornam para casa. Nessa segunda parte é retratada a infidelidade da mulher de Nicodemos, Maria, bem como a violência a que é submetida por não ter ‘honrado’ o marido trabalhador e fiel.

Neste artigo, queremos abordar questões relativas à violência que Maria sofre, mas também discutir os motivos pelos quais são legitimadas pela sociedade, contextualizando a narrativa com práticas herdadas pela colonização brasileira e pela invisibilidade de mulheres que estão na mesma condição da referida personagem. Nessa perspectiva, perceberemos uma distância na relação entre algumas práticas do feminismo liberal e os estudos decoloniais, pois há outras problemáticas que vão além do gênero e que também exclui e marginaliza a mulher.

Assim, trataremos o relato da violência sofrida pelas mulheres, cuja sociedade brasileira, nesse contexto a tocantinense, tem estigmatizado seu papel e sua educação, baseando-se nos modelos da colonização. Também evidenciaremos a falta de assistência as mulheres de classes sociais menos privilegiadas que, na maioria das vezes, não são representadas no discurso feminista hegemônico.

Maria Bandinha, torna-se um espaço para discussão da visibilidade de mulheres que sofrem com a violência doméstica, requerendo um lugar de fala para desmontar estruturas colonizadoras que ainda perpetuam na estrutura social brasileira, representadas no conto pelo estado do Tocantins.²

O pensamento decolonial e o feminismo

O estudo feminista decolonial apresenta uma urgência para construção de práticas que descolonize o pensamento presente nos diversos movimentos feministas. Há um sistema de dominação entre colonizador e colonizado que manipula a política, a cultura, a economia e todos os outros aspectos sociais que envolvem gênero, raça e até mesmo religiões. O pensamento eurocêntrico, ainda presente na sociedade e nos diversos grupos, estende suas formas de dominações inclusive dentro dos movimentos feministas liberais.

Os estudos pós-coloniais contribuíram para a construção da crítica ao pensamento eurocêntrico, no entanto, é a partir da decolonialidade que passamos a refletir sobre os discursos hegemônicos que não contemplam, mesmo dentro de um único grupo, todos os sujeitos. O movimento feminista decolonial surge exatamente por muitas feministas, entre elas as negras e indígenas, não se sentirem representadas nos discursos feministas de mulheres brancas, que se voltavam mais para a questão de gênero como Djamilia Ribeiro traz:

Leila Gonzales também refletiu sobre a ausência de mulheres negras e indígenas no feminismo hegemônico e criticou essa insistência das intelectuais e ativistas em somente reproduzirem um feminismo europeu, sem dar a

1 A carreira literária e acadêmica do autor se compõe pela pós-graduação em língua portuguesa, atividade profissional como funcionário público, advogado, a carreira de escritor, poeta, pesquisador, ativista e membro fundador da academia de Letras do Estado do Tocantins.

2 As obras de Moura Lima são de muita importância para a literatura, uma vez que retrata realidades tocantinenses periféricas. Com caráter regional, traz uma autonomia descolonizadora, pois busca desvincular-se da cultura herdada da Europa.

devida importância à realidade dessas mulheres em países colonizados. A feminista negra reconhecia a importância do feminismo como teoria e prática no combate às desigualdades, no enfrentamento ao capitalismo patriarcal e na busca por novas formas de ser mulher. Entretanto afirmava que somente basear as análises no capitalismo patriarcal não dava conta de responder às situações de mulheres negras e indígenas da América Latina, pois, para a autora, faltava incluir outro tipo de discriminação tão grave quanto as outras citadas: a opressão de caráter racial. (RIBEIRO, 2019, p. 24-25)

Diante do exposto, nota-se que no Brasil a ideia de sociedade também foi estabelecida durante um processo de colonização. Por exemplo, as diversas etnias brasileiras, as raças e as mulheres ainda lutam contra o sistema para ter seus direitos assegurados. O colonialismo brasileiro é resultado da colonização portuguesa, no entanto, não foi influenciado unicamente por Portugal, uma vez que o Império Português passou por um processo híbrido na definição de sua identidade.

Durante um longo tempo, os portugueses foram dependentes ou quase uma colônia informal da Inglaterra e mesmo sendo os pioneiros das grandes navegações do século XVI e apresentando uma evolução mercantil para os padrões da época, mantiveram seu desenvolvimento econômico numa posição intermediária entre o centro e a periferia da economia mundial. O que trouxe ao país uma condição semiperiférica reproduzida em suas colonizações devido suas características, sua história política, bem como toda sua relação de poder social e cultural expressas nas colônias.

Assim, a colonização brasileira se apresenta múltipla, como resultado, conforme Boaventura de Sousa Santos apresenta na seguinte análise:

No domínio dos discursos coloniais, a subalternidade do colonialismo português reside no fato de que desde o século XVII a história do colonialismo foi escrita em inglês, e não em português. Isso significa que o colonizador português tem um problema de autorrepresentação algo semelhante ao do colonizado pelo colonialismo britânico (SANTOS, 2003, p. 25).

Nas sociedades europeias, as mulheres já ocupavam um lugar subalterno o que se estendeu para as colônias, no entanto, os corpos femininos, principalmente o de mulheres negras e indígenas, sofreram um processo ainda mais cruel, pois eram destituídos de qualquer humanidade, tratados como objetos sexuais à disposição do colonizador. Com a independência das colônias acreditou-se que a colonização havia cessado, porém a falsa ideia de que há sujeitos que não possuem a capacidade para se representar socialmente por pertencer às camadas baixas da sociedade, abre-se um espaço para a colonialidade, pois não podendo falar em sua própria língua e cultura, o colonizado apodera-se de outros mecanismos para se representar como acontece com as mulheres. Vejamos:

A colonialidade consiste na negação da existência de outros mundos com diferentes pressuposições ontológicas e cosmológicas, é constitutiva da modernidade, ou seja, a modernidade só se tornou possível através da constituição de lógicas de dominação e opressão fundadas pelo poder colonial. A crítica decolonial busca analisar as dimensões, culturais e econômicas, organizadas pelo processo de expansão europeia em torno da colonialidade do poder, sugerindo modos de pensar alternativos ao modelo hegemônico ocidental (JARDIM; CAVAS, 2017, p. 85).

Desse modo, o feminismo precisa ser entendido como um discurso pós-colonial, pois busca a integração da mulher como um sujeito livre e autônomo, mas que ainda precisa refletir e combater as novas formas de colonização do pensamento pós-independência que têm gerado desigualdades, exploração, subordinação política, econômica e cultural das mulheres que ocupam lugares periféricos.

A violência contra Maria, traços da subalternidade feminina.

É preciso discutir o espaço da mulher na sociedade, é certo que cada vez mais as mulheres têm se destacado em posições em que antes eram estigmatizadas, porém, ainda nos dias atuais o patriarcalismo reproduz uma violência severa que condiciona sua liberdade.

A colonização é uma prática de silenciamento, que neste contexto, se estende para o controle do corpo feminino que não está relacionado apenas com violências sexuais ou físicas como o conto de Moura Lima também evidencia. O sistema patriarcal trata os trabalhos domésticos e a criação dos filhos, bem como o cuidado com os idosos como responsabilidade da mulher, prejudicando seu crescimento profissional em outras áreas, como Flávia Birole alerta:

Falar em divisão sexual do trabalho é tocar no que vem sendo definido, historicamente, como trabalho de mulher, competência de mulher, lugar de mulher. E, claro, nas consequências dessas classificações. As hierarquias de gênero, classe e raça não são explicáveis sem que se leve em conta essa divisão, que produz, ao mesmo tempo, identidades, vantagens e desvantagens (BIROLE, 2018, p. 22).

Maria, a protagonista do conto, é uma mulher de responsabilidades domésticas, ela cuidava dos filhos e dos afazeres de casa enquanto seu marido, Nicodemos, estava com João na Serra do Carmo extraíndo madeira para o sustento da família. Nicodemos demonstra ser bom, trabalhador e religioso. Assim, merece uma esposa dedicada ao lar, reforçando a ideia de um modelo de mulher.

Vejam os detalhes da execução dos trabalhos dos homens que se ausentaram vários dias de seus lares.

A serra chiava suculenta no interior da tora de pau-brasil, naquele movimento vai-e-vem! Em baixo, encontrava-se João serrador, e no alto do estaleiro, via-se Nicodemos, que se apresentava esbaforido e bastante suado, naquele final laborioso do dia. A tarde caminhava no horizonte, projetando sombra no interior da mata que se estendia ao pé da serra do Carmo (LIMA, 1999, p.109).

O trabalho na mata não era apenas difícil, mas também precário em suas instalações, bem como no acesso a uma alimentação adequada. Os madeireiros tinham que além da madeira, retirar do cerrado o próprio alimento caçando animais que pudessem servir de comida:

E lá se foi embrenhando pela mata adentro, na direção das jaós, do outro lado da grotta que circundava o improvisado acampamento. Ali se instalara, na pequena clareira, aberta a machado no seio da mata que se interligava com a baixada, já fora da mata, por uma trilha de carro de bois, para o transporte da madeira serrada. Nicodemos foi para o rancho de folha de piaçaba, arrumar as panelas para o jantar. Mas tudo estava uma bagunça, e o jeito foi dirigir-se para a grotta, onde corria uma água cristalina, para lavar as vasilhas da cozinha (LIMA,

1999, p. 110).

Diante das dificuldades enfrentadas por Nicodemos na narração, legitima-se a necessidade de uma mulher fiel. Ao voltar para seu lar esperava-se que Maria fosse honesta, solícita e amável para compensar o sacrifício do trabalho de seu marido que aguardava ansioso para vê-la como o escritor descreve:

Nicodemos pulou para o chão, com o rosto espargindo alegria, pois a produção do dia fora um colosso, e daí a dois dias, estariam de volta. Por isso, era motivo de alegria, e foi dizendo para o companheiro, naquele seu jeito brincalhão e bondoso: — João, daqui a dois dias, vou ver os meus bacuris!

— Tá bestando, homem! Por que não diz que está é com saudade da muié? E só chegar lá, vai dizendo pros meninos:

— Cadê sua mãe?... Cadê sua mãe?...

E cai na risada. Nicodemos, também rindo do companheiro, que acabava de descobrir suas verdadeiras intenções – não era para menos, trinta dias fora de casa! (LIMA, 1999, p. 109-110).

Por passar muito tempo ausente do lar, Nicodemos levanta algumas desconfianças da esposa e ao chegar é surpreendido, pois vê o cavalo de um vizinho amarrado próximo de sua casa.

De lá veio cauteloso, pisando no chão com cuidado, e dirigiu-se a uma moita de bambu que fazia sombra na janela do casal, nos dias de sol quente. Fora plantada ali por suas mãos. E dali, encostou na janela e ouviu o ranger da cama e a voz de Maria: - Aí, Chico... vou morrer... de prazer! (LIMA, 1999, p. 112).

Certo da traição de sua Maria, Nicodemos cheio de ódio tem intenção de matar os dois amantes, no entanto, arma outro plano que pune apenas a mulher colocando-o em prática assim que seu amante vai embora:

Às pressas, saiu do quarto e apanhou no saco de linhagem, ainda da viagem, uma lapiana bem afiada, com que ele sempre abria as caças, e voltou ao quarto. A mulher fungava, peladinha na cama. Com um movimento rápido, Nicodemos encostou a lâmina afiada no pescoço da mulher e raivoso disse: — Sua cadela, vai me pagar! Pensou que não ouvi sua sem-vergonhice, ainda agora!

A mulher agoniava com a faca na garganta. Nicodemos apanhou rápido uma corda de bacalhau num jirau próximo à cama, só foi esticar o braço livre. Com laçadas firmes, amarrou os braços da mulher na cabeceira da cama e as pernas, bem abertas, nos pés da cama. [...] Pacientemente, foi abrindo a vulva com a mão, e pegou firme no grande lábio vaginal à direita, e passou a lâmina afiada da faca, arrancando um

pedaço de carne em forma de bife, e o jogou em cima de um caco de jatobá, que se encontrava no chão, rente à parede de adobe (LIMA, 1999, p. 114).

Depois de ter violentado Maria, o homem foge recebendo uma certa legitimidade no conto, pois dá a Nicodemos o direito à vida da personagem, podendo ser observado claramente no trecho: “Naquela região era conhecida como Maria de Nicodemos Serrador; passou, depois daquela tragédia, a ser conhecida como Maria Bandinha...” (LIMA, 1999, p. 114). Nicodemos só “castiga” a mulher, não teve o mesmo posicionamento com Chico, personagem com quem o traiu, pois na construção social desenvolvida do conto, Maria lhe pertencia. O adultério por parte da mulher, até hoje no Brasil, é estigmatizado. Durante muito tempo constitui-se como crime em que a mulher era severamente punida. Rosilene Almeida Santiago e Maria Thereza Avila Dantas Coelho expõe que:

No Brasil Imperial, o adultério passou a ser punido pelo Código Criminal de 1830, no qual a esposa adúltera cumpria pena de prisão de um a três anos, com trabalhos forçados (ENGEL, 2005). No entanto, se o marido mantivesse publicamente relações afetivas, seria punido com a mesma sentença. Eluf (2003) acrescenta que a infidelidade conjugal da mulher era vista como uma afronta aos direitos do marido e um insulto ao cônjuge enganado (SANTIAGO; COELHO, 2008, p. 9).

Maria, personagem do conto de Moura Lima, sofre uma violência que não é apenas uma questão de gênero, mas também social. Mulheres que ocupam diferentes espaços possuem tratamentos distintos. Quando entendemos que estas questões são estruturais, ou seja, que há mulheres com mais privilégios que outras, é possível questionar os discursos do feminismo hegemônico uma vez que: “a interseccionalidade sugere que raça traga subsídios de classe-gênero e esteja em um patamar de igualdade analítica”. (AKATIRENE, 2020, p. 36). Se Maria ocupasse uma posição que lhe oferecesse estabilidade financeira, é possível que não estivesse mais com Nicodemos, porém sua condição subalterna de mulher pobre condiciona-a, a uma objetificação.

A protagonista do conto representa a situação de algumas mulheres do século XX, contudo o estado do Tocantins ainda tem um elevado índice de violência contra a mulher. Em 2019 ocupou o oitavo lugar no ranking brasileiro. Segundo Nathália Resende de Souza (2019) as mulheres mais vulneráveis são as negras e as de condições econômicas precárias.

Segundo a Defensoria Pública do Estado do Tocantins (DPE-TO), o Tocantins ocupa o 8º lugar no ranking dessa violência, e somente em 2018, atendeu 1.831 mulheres nesta situação. E apenas no 1º semestre de 2019, um total de 1.297 atendimentos da mesma natureza. O levantamento do DPE-TO traça um perfil em que a maioria dessas mulheres, a quantia de 80%, 31 são negras, mães e tem vulnerabilidade econômica (SOUZA, 2019, p. 30-31).

O enredo evidencia a violência contra uma mulher de classe social sem privilégios que apresenta em seu título, Maria Bandinha, a exclusão dos seus direitos caracterizando-a por um estereótipo que a objetifica. Maria nunca se pertenceu, foi Maria de Nicodemos Serrador por ser sua esposa e depois Maria Bandinha, resultado da violência sofrida.

A falta de autonomia financeira condiciona a mulher a um lugar difícil de ser ultrapassado e mesmo com um trabalho remunerado há uma subalternização dessas atividades. É importante saber que, de acordo com Birole, mulheres brancas têm mais privilégios até

mesmo do que os homens negros, logo estão mais próximas das melhores oportunidades.

Na pirâmide de renda e no acesso a postos de trabalhos, à escolarização e à profissionalização, as mulheres brancas estão mais próximas dos padrões de oportunidades dos homens brancos e apresentam vantagens em relação aos homens negros. São as mulheres negras, acompanhadas de seus filhos, que integram a faixa mais pauperizada da população (BIROLI, 2018, p. 23).

Destarte, é preciso rever os discursos feministas voltados apenas para questões de gênero, há mulheres, como Maria, que possuem necessidades muito peculiares e não se atentar para essas diferenças é contribuir com a opressão e a subalternização de mulheres que não possuem alguns privilégios como: igualdade racial, acesso à educação e moradia de qualidade, bem como a depreciação de suas capacidades cognitivas.

No conto, Maria sofreu mais de uma violência, pois por não ter autonomia financeira é dada como propriedade de seu marido, destituída de sua identidade. Segundo a pesquisa de Patrícia Alves Sousa; Marco Aurélio da Ros (2006), a dependência financeira impede que mulheres façam as devidas denúncias contra seus agressores, assim é preciso viabilizar iniciativas de projetos³ que contribuam com a autonomia econômica de mulheres subalternizadas e que proporcione a integração de classes, a fim de estreitar as desigualdades.

Considerações Finais

A partir do conto, Maria Bandinha, de Moura Lima, é possível refletir sobre algumas violências sofridas por uma mulher pobre. A primeira violência notada é a destituição de uma identidade, Maria no conto é sempre de alguém, seja de seu marido, ou seja, da violência sofrida, sua condição a faz de qualquer modo subordinada.

Depois vem a violência física em que a protagonista tem sua genitália decepada – o que mexe com a subjetividade, afeta a identidade e a estima da personagem – algo que ocorre na narrativa com legitimidade por ter traído o marido bom e trabalhador. E por fim, a violência do abandono social representado pelo apelido que deu nome ao conto. A sociedade ridiculariza Maria, que provavelmente terá dificuldade para encontrar trabalho para se manter, assim como sustentar os filhos, pois Nicodemos, seu marido foi embora deixando-a com as crianças, o que configura a tríade do abandono.

A análise do conto parte da relação de poder que existe na sociedade e que classifica grupos subalternizando-os. A reprodução de um sistema colonizador se dá por meio do pensamento e de práticas que inferioriza a mulher pobre. Maria representa um grupo de mulheres que são dependentes de seus parceiros, condicionadas apenas aos trabalhos domésticos e ao cuidado com os filhos. A partir de Maria, faz-se necessário pensar na mulher e na sua autonomia financeira, bem como refletir sobre os discursos feministas que se atêm apenas ao gênero.

Sabemos que a mulher sofre diversas violências e abusos dentro de qualquer sociedade, no entanto, é fundamental reconhecer que existem grupos que são mais vulneráveis. E diante do exposto, cabe ressaltar a importância do feminismo decolonial que busca romper com as estruturas de dominação que estão presentes no inconsciente coletivo e que são mantidas por meio de discursos e práticas elitistas. Por esta razão, é extremamente necessário refletir e debater sobre as diversas formas de colonização perceptíveis no conto de Moura Lima, em representação da realidade de mulheres marginalizadas por suas condições econômicas.

³ A exemplo do projeto Fomento de Políticas Públicas de Prevenção, Combate Enfrentamento da Violência contra as Mulheres Trabalhadoras Rurais e de Prevenção do Câncer de Mama foi executado em 2007 e 2008 pela CNMTR/Contag, com o apoio da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República.

Referências

AKATIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaira, 2020.

BIROLE, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

JARDIM, G.S; CAVAS, C.S.T. **Pós-colonialismo e feminismo decolonial: caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo**. Revista Ponto e Vírgula - PUC SP, n. 22, p. 73 – 91, jul – dez de 2017 - p. 73-91.

LIMA, M. **Veredão: Contos regionais e folclóricos**. Gurupi. Gráfica e editora Cometa, 1999.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Pólen, 2019.

SANTIAGO, R.A; COELHO, M.T.A.D. A violência contra a mulher: antecedentes históricos. **Revista Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**. Volume 11, n. 1, p. 1-19, 2007.

SANTOS, B. S. **Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade**. Revista Novos Estudos CEBRAP, n. 66, p. 23-52, jul 2003.

SOUZA, N. R. **O agendamento de notícias sobre violência doméstica e familiar no estado do Tocantins. 2019**, 86fl (Monografia para bacharelado em jornalismo) Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019.

SOUSA, P.A; ROS. M. A. **Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, p. 509-527, outubro de 2006.

Recebido em 06 de setembro de 2021.

Aceito em 27 de setembro de 2021.